

EXTRA-CLASSE

A comunicação como uma “arma” contra a hegemonia neoliberal



Vito Giannotti critica a mídia "burguesa" durante palestra

Pelo menos desde a Revolução Francesa a comunicação é encarada como “arma central da política”. E de lá para cá a imprensa só tem se fortalecido na condição de instrumento dos grupos dominantes política e economicamente. Napoleão Bonaparte, quando invadia os países, tomava como primeira ação criar um jornal para difundir idéias. No Japão do século XIX foi expressada a seguinte frase: “um partido (político) sem jornal é como um exército sem armas.” No início do século XX, Lênin, em sua obra de 1902 (“Por onde começar”) diz que um dos primeiros atos revolucionários é a criação de um jornal. E, um exemplo mais recente, nos Estados Unidos, o presidente George W. Bush só teria conseguido apoio maciço à invasão do Iraque após “anestesiá-lo” o cérebro de 80% dos norte-americanos a partir de campanha empreendida pelos meios de comunicação. Esses pontos de vista foram defendidos por Vito Giannotti, jornalista, escritor e coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação. Ele esteve em Santa Maria na sexta, 18 de novembro, falando sobre “Comunicação e Política” na abertura da programação dos 16 anos da SEDUFSM.

Alguns exemplos de tentativa de dominação da sociedade através da mídia também podem ser buscados na história do Brasil. No governo de Getúlio Vargas foi instituído o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que além de censura prévia foi responsável pela produção de mais de 400 documentários com propaganda governamental, cartilhas, livros e programa de rádio enaltecendo o “pai dos pobres”. Os regimes de exceção foram pródigos no uso manipulatório da mídia. O exemplo marcante disso foi durante os governos militares, quando a censura à imprensa foi prática comum e a propaganda do regime também bastante intensa. O objetivo implícito, afirma Vito Giannotti, é a tentativa de construir uma visão hegemônica na sociedade, de apoio à política dominan-

te. Entretanto, defende o jornalista, a construção de consensos pode ter o sentido inverso do que foi usado até hoje. O poder da comunicação pode ser usado para destruir a visão hegemônica, que nos dias de hoje é representada pelo pensamento neoliberal. Giannotti critica o pensamento de esquerda e os sindicatos que almejam ganhar espaço na grande mídia, observada por ele como “burguesa”. A defesa que faz é que se deve fortalecer a comunicação alternativa, como as rádios comunitárias, ao mesmo tempo em que se busca a utilização de todos os espaços, entre os quais, um dos principais da atualidade, que é a internet.

TELEVISÃO- O palestrante, que falou para cerca de 40 pessoas no Auditório da SEDUFSM, analisou que o peso da televisão é muito forte em países como o Brasil, que possui a quarta rede de TV do planeta: a Globo. Em contraste, a

leitura de jornais em nosso país é baixíssima. No Rio Grande do Sul, conforme dados divulgados por Giannotti, 12% da população lê jornal, entretanto, mesmo baixo, o índice é superior aos 4% do país todo. Na Itália, diz ele, 12% da população lê jornal, enquanto no Japão e na Inglaterra esse percentual sobe para 70%. O índice de leitura do brasileiro e, conseqüentemente, de sua formação cultural é tão baixo que, numa cidade de 700 mil habitantes, como São João do Meriti, na Baixada Fluminense, não possui numa livraria sequer, denuncia Giannotti. Ele participou ainda no sábado, dia 19, durante todo o dia em Santa Maria de um curso de Formação Sindical, com o tema “a história do movimento operário no Brasil”, do qual participaram aproximadamente 30 pessoas entre docentes, lideranças de outros sindicatos e integrantes de movimentos sociais.

Uma história ao lado dos sindicatos

Aos 61 anos, o ítalo-brasileiro Vito Giannotti tem uma história de contribuição ao movimento sindical brasileiro. Chegou a São Paulo em 1964, trabalhou como metalúrgico, mas como gostava muito de escrever, no tempo que tinha livre buscava exercitar esse desejo. Fez um ano de sociologia, parou para fazer política e nunca mais voltou. É autor de mais de 20 livros, entre eles, “A liberdade sindical no Brasil” (1987); “O que é jornalismo sindical” (1998) e “Muralhas da linguagem” (2004). O escritor é membro da CUT (Central Única dos Trabalhadores), que ajudou a fundar em 1983.

Giannotti atuou intensamente no movi-

mento sindical no início dos anos 1990. Juntamente com jornalistas e professores fundou o NPC (Núcleo Piratininga de Comunicação), entidade que realiza cursos para dirigentes sindicais e jornalistas sobre comunicação sindical e popular.

Nasceu na província de Lucca, Toscana, na Itália. É filho de Clementina e Salvador Giannotti e veio para o Brasil aos 21 anos. Morou 30 anos em São Paulo e há 11 anos tem residência fixa no Rio de Janeiro. É casado com a jornalista Cláudia Santiago e é pai de Taiguara e André. É um dos coordenadores do Núcleo Piratininga de Comunicação, com sede no Rio.



Curso de formação sindical ministrado no sábado, 19

O Núcleo Piratininga

O Núcleo Piratininga de Comunicação é um grupo de 12 pessoas, mais ou menos, de vários Estados do país. Uns são jornalistas, outros são professores universitários no campo da comunicação. Foi criado com o objetivo de melhorar a comunicação, especificamente dos trabalhadores, seja de sindicatos, de movimentos sociais, movimentos populares, movimentos de jovens. O público alvo do trabalho realizado pelo NPC é de jornalistas que trabalham com movimentos sociais, no sentido mais amplo. Desde movimentos de favelas, movimentos sindicais, populares, MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra], ONGs [Organizações Não-Governamentais], que atuam junto com esses jornalistas, e também trabalhadores que não sendo jornalistas se preocupam e querem trabalhar junto com os jornalistas.